



EDITORIAL

COISA DE MULHER

Quando pensamos em publicar um dossiê com o título “Coisa de Mulher”, queríamos fazer uma provocação: ironizar o tão afamado clichê de que algo, reconhecidamente não pertencente ao universo masculino, figurando-se de importância menor e reduzido ao universo feminino.

Não só o cotidiano, mas a produção filosófica, artística e científica conta com insígnias representantes mulheres, porém, secundarizadas e até mesmo silenciadas, razão óbvia de a produção oriunda desses e de outros campos aparecer como, majoritariamente, dos homens.

Visando contribuir para a correção desse fato, a *Revista Jangada*, com o título “Coisa de mulher”, esperava receber artigos dedicados à análise de trabalhos realizados por mulheres no campo das artes (Literatura, Música, Cinema, Pintura, Arquitetura, Dança, Escultura etc.) e da Teoria, Crítica e História da Arte, atentando para o fato de que, quando abrimos os manuais de história da arte, por exemplo, dificilmente nos deparamos com obras das mulheres escultoras, pintoras, fotógrafas etc. Com frequência, também não somos instruídos sobre as obras das mulheres cineastas, arquitetas, musicistas etc. Na literatura, temos muito mais à nossa disposição as obras dos escritores do que as das escritoras. Esse desfalque é consequência de um longo processo histórico que alheou as mulheres dos espaços públicos e dos direitos civis, com drásticas consequências para a vida social. Não implica, porém, dizer que as mulheres aceitaram os limites que lhe foram impostos.

Lembrando o poema “Com licença poética”, de Adélia Prado, “desdobramos” a expressão “coisa de mulher”, carregada de preconceito quando destinada a restringir o alcance das ações das mulheres, propondo que as coisas não são prioritariamente de homens ou de mulheres. As mulheres têm cada vez mais ocupado espaços que antes lhes eram negados, seja nas artes, na ciência, na política, na economia etc. É inegável, no entanto, que muitas contribuições das mulheres para as Ciências Humanas, Letras e Artes, por exemplo, aguardam por trabalhos de pesquisadores interessados em ampliar a historiografia, e era com esse intuito que esperávamos contribuições para o presente dossiê.



Propomos que trabalhos sobre obras de mulheres que conquistaram reconhecimento ao longo dos anos mereceriam todo nosso respeito e também seriam acolhidos no presente dossiê. Enfatizamos, porém, que havia muito por fazer a fim de romper o silêncio imposto às obras de mulheres que seguem excluídas dos estudos das artes e da cultura de modo geral.

Chegado o momento de publicarmos o dossiê, perguntamo-nos se havíamos alcançado o objetivo pretendido. A resposta foi sim, a quantidade de trabalhos avaliados e aprovados levou-nos à decisão de publicar dois volumes para o presente dossiê. No primeiro volume, publicamos estudos dedicados à análise de trabalhos realizados por mulheres na Literatura, na Música e nas Artes Visuais. Trabalhos de pesquisadoras e pesquisadores que se debruçaram sobre obras de artistas e escritoras estrangeiras consagradas, como Francesca Woodman e Virginia Woolf; da artista brasileira contemporânea, Berna Reale; da escritora que precisa constar na historiografia da literatura brasileira, Emília Freitas; de três escritoras contemporâneas Mapuche, Maribel Mora Curriao, Graciela Huinao e Rayen Kvyeh; de escritoras brasileiras contemporâneas, como Ana Maria Machado, Angélica Freitas, Conceição Evaristo, Lygia Fagundes Telles etc. Na seção de tema livre, publicamos dois artigos dedicados à literatura portuguesa: o primeiro sobre a obra de Camilo Pessanha (1867-1926), e o segundo sobre a obra dos escritores Mário de Sá Carneiro (1890-1916), Raul Brandão (1867-1930), António Patrício (1878-1930) e Fialho de Almeida (1857-1911). Fechamos o volume com chave de outro, reproduzindo uma entrevista realizada por Aline Arruda com a escritora Conceição Evaristo em 2007.

Agora, nesse segundo volume, publicamos artigos sobre importantes contribuições das mulheres no campo da Literatura, Crítica literária, Imprensa, Educação e Filosofia, com reflexões que questionam limites e estereótipos impostos às mulheres ao longo da história. Os três primeiros trabalhos são dedicados ao estudo da poesia produzida por mulheres. No artigo “A escrita no sótão da história: leitura de *Escritos na areia* (2000), de Carmélia Cavalcante Gomes”, Joelma Siqueira e Dirceu Magri, a partir de estudos sobre arquivos privados, de Michelle Perrot, e sobre mulheres escritoras, de Constância Duarte, retomam “Palestra sobre lírica e sociedade”, de Theodor Adorno, e analisam poemas de Carmélia Gomes (1920-2003) tornados públicos pelas mãos de seus filhos. Na sequência, Rodrigo Mansor, com o artigo “A poesia feminina de Emily Dickinson e Adélia Prado: uma escrita memorialista do ambiente familiar”, respeitando as particularidades da produção poética da escritora americana Emily Dickinson (1830-1886) e da escritora brasileira Adélia Prado, discute em suas poesias a escrita memorialística que remete às lembranças da vida privada. No terceiro e último artigo dessa seção, Carla Valéria Santos Medeiros e Elaine Andreatta, com o artigo “A Voz erótica feminina

em *Ritmos de inquieta alegria* (1935), de Violeta Branca”, analisam o erotismo e a espiritualidade na lírica da escritora amazonense Violeta Branca (1915-2000).

Os próximos dois trabalhos têm em comum o debate sobre feminismo e literatura. Renata Sant’ana e Enilce do Carmo A. Rocha, com o artigo “A crítica feminista no cenário literário contemporâneo”, destacam contribuições de Virginia Woolf, Constância Duarte, Rita Schmidt, Lúcia Zolin, Djamilia Ribeiro e Susana Funck e discutem sobre a atuação feminina no campo literário. Em seguida, Isabela Dantas e Maria Caser, autoras do artigo “Alguém-mulher: *A obscena senhora D* (1982), de Hilda Hilst, à luz da teoria literária feminista”, discutem confluências entre literatura, feminismo e a prosa poética de Hilda Hilst.

Os próximos dois trabalhos são dedicados ao estudo da presença das mulheres na imprensa. Cristina Loff Knapp, com o artigo “Revista *A Mensageira*: ascensão da mulher no universo letrado”, analisa as contribuições literárias de Julieta de Melo Monteiro (1855-1928) e Áurea Pires (1876-1949) para a revista *A Mensageira*, importante periódico feminista do final do século XIX. Luísa Nunes de Oliveira, com o artigo “Primórdios da crônica de autoria feminina no Brasil e a luta pela igualdade de gênero”, analisa a importância da crônica de autoria feminina e da imprensa feminista na defesa dos direitos das mulheres.

O próximo tema abordado é a Educação. Carlos Eduardo Gomes Nascimento, com o artigo “A educação e resistência aos tempos sombrios: reflexões a partir de Hannah Arendt”, retoma ideias da filósofa alemã sobre educação e sobre o conceito de mentira organizada e, atento ao momento presente, propõe que a educação seja uma forma de resistência em tempos sombrios. Flávia Brito e Edson Caetano, com o artigo “Krupskaya, a ‘Estrela Vermelha’: educação escolar e a emancipação feminina”, discutem sobre educação e militância feminista no pensamento da pedagoga russa Nadezhda Krupskaya (1869-1939).

Na sequência, trazemos duas resenhas sobre obras de mulheres filósofas. A primeira, intitulada “A filósofa no divã da semióloga: Julia Kristeva, leitora de Simone de Beauvoir”, de Angela das Neves, sobre a recente tradução do livro *Beauvoir Presente*, de Julia Kristeva, traduzido por Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco e publicado pelas Edições Sesc, São Paulo, em 2019. A segunda, de Ermelinda Liberato, é sobre o livro *Mulheres (de) Coragem: por um mundo mais justo*, sobre o legado de muitas mulheres filósofas, publicado pela professora e pesquisadora portuguesa Maria do Céu Pires, Edições Colibri, Lisboa, em 2018.

Na seção dedicada à entrevistas, orgulhosamente apresentamos duas conversas com estudiosas da literatura produzida por mulheres. A primeira foi realizada pela professora Iara Barroca, com a pesquisadora e professora Constância Lima Duarte, coordenadora do Grupo de

Pesquisa Letras de Minas/Mulheres em Letras - UFMG, dedicado a estudar obras de escritoras brasileiras. Constância Duarte também é pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA) e do Centro de Estudos Literários da UFMG. Autora de inúmeros trabalhos sobre teoria e crítica acerca da escrita produzida por mulheres, entre os quais, o livro *Imprensa feminina e feminista do Brasil – Século XIX: dicionário ilustrado* (2016), resultado de uma intensa e dedicada pesquisa sobre a história das mulheres e do movimento feminista no Brasil. Entre outros aspectos interessantes presentes na entrevista que publicamos, destacamos a resposta de Constância à pergunta de Iara Barroca sobre assuntos políticos nas contribuições das mulheres nos periódicos. Constância nos explica que

O estudo da imprensa nos permite saber que existiram mulheres no século XIX atentas às questões políticas de seu tempo, e que usaram a imprensa para se manifestar e se posicionar politicamente, a favor ou contra a Monarquia, a Revolução Farroupilha, a Constituinte, a Abolição ou a República. Dentre muitos títulos, lembro: *Belona Irada contra os Sectários de Momo* (1833-1834) e *Idade d'Ouro* (1833), ambos de Porto Alegre, dirigidos pela escritora Maria Josefa Barreto; *República das Moças* (1879), *O Abolicionista do Amazonas* (1884) e *Ave Libertas* (1885), cujos títulos já dizem sobre o posicionamento das editoras. Outros se empenharam em conscientizar as leitoras de seus direitos à educação, à propriedade, ao voto e ao trabalho, e contestaram o mandonismo patriarcal e o comportamento domesticado das mulheres, como *O Sexo Feminino* (1873-1889), *A Mulher* (1881-1883), *A Mensageira* (1897-1900) e *O Escrínio* (1898-1910) etc.

A segunda entrevista foi realizada pela professora Natália Fontes Oliveira com a pesquisadora, professora e atual reitora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Sandra Regina Goulart Almeida, que também é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq (1C), membro titular do Conselho Curador da FAPEMIG, do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social do Governo de Minas Gerais e do Conselho Consultivo da Presidência da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, e Cidadã Honorária de Belo Horizonte, título concedido pela Câmara de Vereadores da cidade. Entre outras questões importantes, lembrando que Sandra Almeida traduziu para o português a obra *Can the Subaltern Speak* (1985), da crítica e teórica indiana Gayatri Spivak, Natália Oliveira perguntou a Sandra Almeida se conseguimos,



no Brasil, instaurar alguma forma de diálogo em que não só falamos, mas também ouvimos. Em resposta, Sandra Almeida explicou que Spivak destaca, muitas vezes, a necessidade de se criar condições para que o subalterno, geralmente mulher, fale e seja escutado. Comentou sobre a responsabilidade do intelectual para que isso aconteça, esclarecendo: “o que Spivak defende é que precisamos criar condições para que o outro possa falar por si e, dessa forma, que sua fala possa gerar ações contundentes. Não é fácil. Trata-se de uma construção que tem que ser feita conjuntamente e que precisa ser construída”. À pergunta de Natália sobre o que indicava como leitura para os privilegiados que podem ficar em casa nesse momento de pandemia do Covid-19, antes das sugestões de leitura, destacou a queda da produção intelectual das mulheres diante do aumento no número de casos da pandemia, devido à dupla jornada de trabalho que as mulheres assumem; e o fato de que a Covid-19 atinge sobretudo os mais pobres, com destaque para as mulheres mais pobres que sustentam suas famílias, que são as mais vulneráveis e expostas por não poderem ficar em casa. Para os que podem dispor do privilégio de ficar em casa, citou várias obras de escritoras, entre as quais destacamos *Sejamos todos feministas* e *Para educar crianças feministas*, da escritora nigeriana Chimamanda Adichie.

Chegando do final dessa apresentação, reforçamos que tivemos êxito com o presente dossiê por publicarmos estudos, entrevistas e resenhas dedicados a trabalhos realizados por mulheres na Literatura, na Música, nas Artes Visuais, na Imprensa, na Educação e na Filosofia.

Na obra *Dear Ijeawele, or A Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions*, cuja tradução no Brasil ficou *Para educar crianças feministas – um manifesto*, a escritora Chimamanda Adichie oferece quinze sugestões a uma amiga que tinha pedido conselho sobre o que fazer para criar sua filha como feminista. Reproduzimos a quinta sugestão como um convite à leitura:

5. QUINTA SUGESTÃO: Ensine Chizalum a ler. Ensine-lhe o gosto pelos livros. A melhor maneira é pelo exemplo informal. Se ela vê você lendo, vai entender que a leitura tem valor. Se ela não frequentasse a escola e simplesmente lesse livros, provavelmente se instruiria mais do que uma criança com educação convencional. Os livros vão ajudá-la a entender e questionar o mundo, vão ajudá-la a se expressar, vão ajudá-la em tudo o que ela quiser ser — chefs, cientistas, artistas, todo mundo se beneficia das habilidades que a leitura traz. Não falo de livros escolares. Falo de livros que não têm nada que ver com a escola: autobiografias, romances, histórias. Se nada mais der certo, pague-a para ler. Dê uma recompensa. Sei dessa nigeriana incrível, Angela, uma mãe solo, que estava criando a filha nos Estados Unidos.

A menina não gostava de ler, então a mãe decidiu pagar cinco centavos para cada página lida. Mais tarde, ela dizia brincando: ‘Saiu caro, mas o investimento valeu a pena’ (ADICHIE, 2017).

Por fim, apresentamos o relato de experiência intitulado “O xirê da leitura: mulheres negras grafando memórias em letras de poesia – como um espaço de fala, escuta e cura”, de autoria de Luzia Gomes Ferreira e Julie Castro. Trata-se de um relato sobre as atividades desenvolvidas em um projeto criado no âmbito do curso de Museologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), em 2019, e desenvolvido em parceria com a Livraria Ifá – Casa do Saber, com o objetivo de criar um espaço de memória com leituras e debates de obras de poetas negras brasileiras e estrangeiras.

Boa leitura a todos!

Joelma Santana Siqueira – UFV
Natália Fontes de Oliveira - UFV
Aline Alves Arruda - IFMG
Editoras deste número